



Escoteiros do Brasil
Paraná



Ao Redor do Fogo de Conselho

Da Revista Harper's Weekly—10 de maio de 1873

FOGO DE CONSELHO NO ESCOTISMO BRASILEIRO

JOÃO ALBERTO BORDIGNON

BOLETIM HISTÓRICO Nº 32 – SETEMBRO DE 2022

Neste Boletim, analisa-se mais uma peculiaridade do movimento escoteiro brasileiro.

Trata-se do uso da expressão “Fogo de Conselho”, significativamente diferente da expressão “Fogueira de Acampamento” (Camp Fire), usada majoritariamente nas associações esportivas de outros países.

“CAMP FIRE” NO ESCOTISMO PARA RAPAZES

As edições brasileiras do “*Scouting for Boys*” (Escotismo Para Rapazes) adotam uma tradução não literal para o título das 26 seções do livro, usando “Conversas de Fogo de Conselho”.

O original inglês, primeira edição, 1908, apresenta o título das seções como “Camp Fire Yarn” - que poderia ser traduzido como “História (ou Conto) de Fogueira de Acampamento”:

Camp Fire — fogueira de acampamento (em mui-

tos casos apresentada como “camp-fire”).

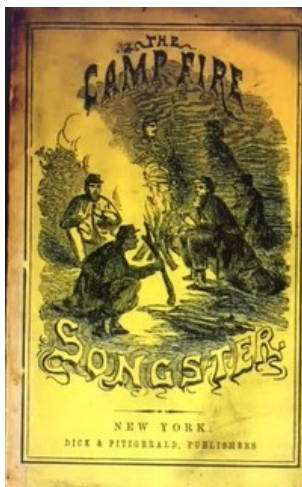
Yarn— Segundo o Oxford English Dictionary, “um maravilhoso ou incrível conto”. Nos dicionários, o primeiro significado de yarn é fio. Fibras que foram retorcidas para formar um fio. O segundo significado é de conto, história, lenda.

Segundo Tim Jeal, biógrafo de Baden-Powell, os marinheiros frequentemente contavam histórias enquanto torciam os fios ou fibras que formavam os cabos usados nos navios. Então, ainda segundo Jeal, em 1907 a palavra já possuía uma “qualidade humoristicamente fora de moda”.

Tanto a tradição das “Camp Fires” (fogueiras de acampamento), como o uso de “yarns” nessas ocasiões, precedem Baden-Powell em muitos anos, aparecendo na literatura americana e

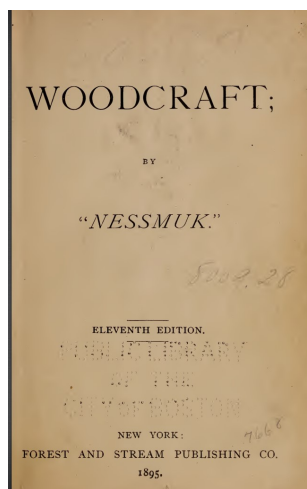
inglesa, muito antes do lançamento do Escotismo Para Rapazes.

Alguns exemplos:



- O livro “The Camp Fire Songster”, uma coleção de canções populares, patrióticas, nacionais, patéticas (comoventes) e alegres, apropriadas para o acampamento ou marcha, foi publicado em 1862 por Dick & Fitzgerald, de New York. Como curiosidade, deve ser mencionado que já nesta coletânea aparece a “Auld Lang Syne”, tradicional canção escocesa de

final de ano, que posteriormente ficou conhecida no movimento escoteiro brasileiro como “Canção da Despedida”, com uma letra traduzida dos versos criados pelo Padre Jacques Sevin.



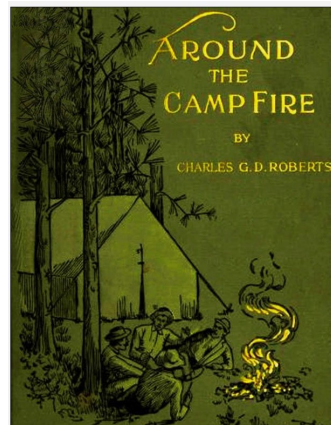
- “Woodcraft”, por Nessmuk, pseudônimo de George Washington Sears, publicado desde 1888. Na sua décima edição, de 1895, dedica também um capítulo aos campfires. Um livro que em menos de dez anos já possuía dez edições, demonstra que o assunto “campismo” já

gozava de uma certa popularidade. Este livro é explicitamente citado por Baden-Powell, nas primeiras edições do “Scouting for Boys”.



- “Story of the Wild West and Camp Fire-Chats” por Buffalo Bill (W.F. Cody) -1888. Segundo a biografia de B-P escrita por Tim Jeal, um dos primeiros contatos do fundador do movimento escoteiro com o folclore que cercava os cowboys americanos aconteceu no famoso show que Buffalo Bill levou para a Inglaterra no verão de 1887. Baden-Powell assistiu ao show e depois incorporou às suas próprias apresentações, no mesmo

ano, em Liverpool, cenas de cavalgadas espetaculares e tiros, similares às apresentadas por Buffalo Bill. Uma outra parte do show, (descrita à página 752) muito cara a Baden-Powell era a 3ª Parte, onde aparecia o resgate do Capitão John Smith e a lenda de Pocahontas, contada posteriormente no “Scouting for Boys”.



- O livro “Around the Camp Fire”, de Charles G. D. Roberts, é de 1896.

Na primeira edição do “Scouting for Boys”, Baden-Powell escreve sobre “Camp Fires” e a maneira certa de fazê-los, no capítulo “Camp Fire Yarn N.12”. Ele

descreve a maneira de construir e acender uma fogueira de acampamento. Reproduz um trecho do livro “Two Little Savages”, de Ernest Thompson Seton.

No “Camp Fire Yarn N.13” ele descreve basicamente sobre cozinha no acampamento, mas ao final, na página 171, há uma pequena observação, numa parte que se refere a jogos de acampamento (CAMP GAMES):

“Canções, recitações, pequenas peças de teatro etc. podem ser apresentadas ao redor da fogueira de acampamento, e cada escoteiro deve contribuir alguma coisa para o programa, quer ele pense que é um artista ou não. Uma patrulha diferente pode ser encarregada das apresentações de cada noite da semana, podendo, então, preparar-se previamente.” (Tradução do autor)

O livro citado ao final, neste capítulo, como “para ler”, é o “Woodcraft” de Nesmuk.

Em 1909, Baden-Powell publica um livro intitulado “Yarns for Boy Scouts—Told Round The Camp Fire”, que poderia ser traduzido por “Histórias para Escoteiros—Contadas ao Redor da Fogueira de Acampamento”. Segundo ele, “elas eram meramente adicionais” às que estavam escritas no “Scouting for Boys”.

Em edições posteriores do “Scouting for Boys” Baden-Powell adiciona alguns comentários:

Os índios norte-americanos foram sempre inteligentes com suas fogueiras. A Fogueira de Conselho dentro da tenda era um tipo de coisa formal. A Fogueira Amigável—maior que a de Conselho—era para aquecer a todos na aldeia. A Fogueira de Sinalização era construída para enviar sinais de fu-

maça. A Fogueira de Cozinha era uma pequena fogueira de brasas vermelhas e bem quentes.

Os escoteiros usam os mesmos tipos de fogueiras. (tradução do autor)

Encontrado à página 78 da Edição Australiana, uma reimpressão da edição de 1932 do Scouting for Boys. O texto confirma, no escrito de Baden-Powell, que a origem dessas fogueiras é ligada aos nativos americanos.

O “Escotismo Para Rapazes”, da Fraternidade Mundial, editado pela Editora Escoteira em 1990, apresenta praticamente o mesmo texto, apenas usando a tradução *fogo*, para “fire”, em lugar de fogueira. Na verdade, o parágrafo apresenta a tradução de “fire” ora como fogueira e ora como fogo.

Se a Fogueira de Conselho, tal como mencionada por Baden-Powell no “Escotismo Para Rapazes” era sempre solene e feita

dentro da tenda, não há registros de que essa modalidade tenha sido usada no escotismo, em larga escala, até por questões de segurança.

O que hoje se considera como Fogo de Conselho, deveria, pela definição fornecida no “Scouting For Boys” ser, de maneira mais apropriada, a “Fogueira Amigável” (Friendly Fire).

AS ORIGENS DE “FOGO DE CONSELHO”

Segundo Daniel Carter Beard, fundador dos “Sons of Daniel Boone” (Filhos de Daniel Boone) em 1905 e que posteriormente fundiram-se com a Boy Scouts of America (BSA), a Fogueira de Conselho é oriunda da América (que é como os americanos se referem aos Estados Unidos da América).

Como o grande Movimento dos Escoteiros, a fogueira de conselho é também um produto da América. As fogueiras de

conselho estavam quemando por toda esta terra quando Colombo descobriu a América. Era ao redor das fogueiras de conselho que os Índios se reuniam em conclave solene para consultar e discutir os negócios de suas tribos. (The American Boys' Handybook of Camp-Lore and Woodcraft" – J.B. Lippincott Company – 2nd Edition 1930). (tradução do autor)

Devido a mais uma tradução equivocada, no Brasil, todas as tradições do “fogo de conselho” são referenciadas ao próprio fundador do escotismo, mas seu uso vem dos movimentos juvenis americanos, anteriores a Baden-Powell, tais como os “Sons of Daniel Boone” (Daniel Carter Beard) ou “The Woodcraft Indians” (Ernest Thompson Seton). B-P usava o termo genérico “fogueira de acampamento”, tanto para cozinhar quanto para

atividades ao seu redor, diferentemente dos seus predecessores que para as cerimônias usavam a expressão fogo de conselho” (council fire).

AS FOGUEIRAS DE ACAMPAMENTO NO INÍCIO DO ESCOTISMO BRASILEIRO

O “Scouting for Boys”, na sua versão original, teve pouca influência em relação às fogueiras de acampamento, no início do escotismo brasileiro, como pode ser verificado pelas traduções utilizadas nos primeiros anos:

Eclaireurs, em francês, tradução de Pierre Bovet e *Manual do Escoteiro*, em português, tradução de Hermano Neves.

Bovet traduz os títulos das seções do “Scouting for Boys”, originalmente “Camp Fire Yarns” por “Bivouac”.

Hermano Neves, que não traduziu do original em inglês, mas sim do francês de Bovet, adota “Bivaque”, no seu “Manual do Escoteiro”.

Nenhuma delas mencionava Fogueira ou Histórias nos títulos.

A ABE — Associação Brasileira de Escoteiros, a grande organizadora do escotismo brasileiro nos primeiros anos de sua introdução no Brasil, era mais influenciada pelo escotismo laico francês e menos pelos escritos de Baden-Powell, inclusive na questão das fogueiras de acampamento.

A primeira menção encontrada, na imprensa, da realização de um “Fogo do Conselho”, aparece em 28 de janeiro de 1921, no “O Jornal” do Rio de Janeiro:

O Grupo da Gavea, número 8 dos Escoteiros Catholicos do Brasil, realiza amanhã um acampamento escoteiro de 24 horas, num terreno do Leblon, e cujo programa é o seguinte:

-Partida da rua do Jardim Botânico às 16 horas e meia

- Chegada ao acampamento, instalação de barracas, da cozinha e mais serviços do campo até as 18 horas e meia.

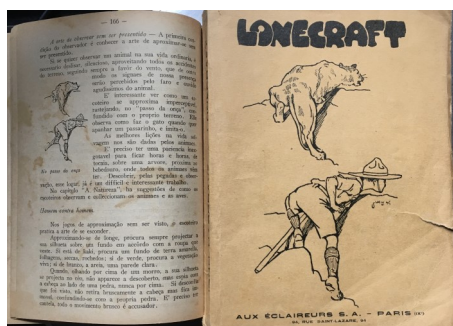
- jogo a caça às rennas

*- Reunião da tropa ao redor do **fogo do conselho** para discutir os assumptos do dia e dar nome de guerra aos escoteiros que fazem o seu primeiro acampamento, até às 21 horas.*

Realce do termo “fogo de conselho” adicionado pelo autor.

Nas colunas sobre Escotismo, na Revista “O Tico-Tico”, escritas por Velho Lobo (Benjamim Sodré), aparecem muitas referências ao “Fogo do Conselho”, retiradas do livro “Lonecraft”, de

John Hargrave. O livro trata do escoteiro isolado e menciona muitas vezes as cerimônias no “Fogo do Conselho”. O Guia do Escoteiro de Velho Lobo, apresenta na sua 2ª Edição, à página 166, o mesmo desenho da capa do livro “Lonecraft”, na versão francesa de 1920.



Hargrave era muito inspirado por Ernest Thompson Seton, ao qual dedica o livro. Seton influenciou grandemente o escotismo de Baden-Powell, como reconhecem os historiadores do movimento escoteiro.

Quando “Lonecraft” foi usado e recomendado por Velho Lobo, Hargrave já havia sido excluído do movimento escoteiro inglês, por Baden-Powell, o que ocorreu no início de 1921.

Claramente, as ideias de Hargrave não se alinhavam às de Baden-Powell! Entretanto, no Brasil, continuaram a ser utilizadas, e continuam até o presente, como no exemplo do “Fogo de Conselho” e suas cerimônias.

Hargrave usa como título dos capítulos do seu livro a expressão “Council Fire Pow-Hows” – Encontros (ou reuniões) de Fogo de Conselho. Na tradução francesa, de 1920, os capítulos são denominados “Feu de Conseil – 1^{er} Palabre, 2^{me} Palabre etc.” “Palabre” pode ser traduzido por tagarelar, segundo o Google Translator. No francês também é definido como uma discussão interminável.

Não se pode descartar a possibilidade de que “Feu de Conseil – Palabre” tenha sido traduzido, sem muito cuidado, por “palavra de fogo de conselho”. Daí para “*conversa de fogo de conselho*” não é muito difícil de ter acontecido.

Em seu outro livro “*The Totem Talks*”, Hargrave usa “Talk” co-

mo título dos capítulos: Talk 1, Talk 2, etc. (Conversa 1, Conversa 2, etc.). É uma outra das hipóteses da origem de “Conversas de Fogo de Conselho” na tradução brasileira do “Escotismo para Rapazes”. De qualquer maneira, a maior probabilidade é que tenha vindo de Hargrave e não de algum escrito de Baden-Powell.

THE TOTEM TALKS



TALK I

KINDLE THE SPARK

“Whose hand above this flame is lifted
Shall be with magic touch enflamed.”

“KINDLE the Spark!”

That is—light the fire; the fire of enthusiasm, the magic fire of youth and Scouthood.

Long ago, when men lived a hardy outdoor life, before the invention of machinery and comfort as we know it, the Council Fire was the gathering place of the clan, patrol, or tribe.

The fire drew men together, and over the flickering orange flames one chief would talk with another and the tried warriors and braves listened in a semicircle to the palaver.

It came to pass, therefore, that whenever words of wisdom should be spoken, or whenever one man would talk in friendship with another, it was always round the Council



AS ADAPTAÇÕES E MODIFICAÇÕES NO ESCOTISMO BRASILEIRO

No início dos anos 1920, o escotismo brasileiro sofre uma grande influência do chamado “indianismo”, procurando adaptar ao Brasil as propostas americanas, defendidas por Seton e Hargrave ao Brasil. Um dos estudiosos dos costumes indígenas, e sua transferência para o escotismo, foi Benevenuto Cellini dos Santos, o criador do Hino Alerta, constantemente mencionado nas colunas de Velho Lobo.

Uma das adaptações foi o uso da palavra carbeto para significar “Fogo de Conselho”. No artigo apresentado na “Revista O Tico Tico” de 26 de setembro de 1923, Velho Lobo escreve:

“O fogo em torno do qual se reúnem os índios na noite de frio é o “fogo do conselho”, o carbeto, na linguagem dos nossos índios, que tanta tradição e encanto empresta aos acampamentos escoteiros.

Grande parte desses usos indígenas, trazidos ao escotismo por seu iniciador, o general B. Powell, foi copiada das tribus africanas e americanas, que tinham muitos usos semelhantes aos das nossas.”

Uma pesquisa sobre o termo carбето, nos dicionários de termos indígenas brasileiros, teve resultado negativo. Nada foi encontrado.

A palavra, no entanto, é mencionada por Gonçalves Dias, no seu romance “Ubirajara”, onde ele relata que:

Chegou o dia em que os noivos de Aracy deviam disputar a posse da formosa virgem.

Era a hora em que o sol transpando a crista da montanha estende pelo vale sua arassoia de ouro.*

A grande nação tocantim cerca a vasta campina. No centro estão os an-

ciãos que formam o grande carбето.

*arassoia – araçãoia – do tupi antigo – saia de penas de aves.

Realce em “carbeto” do autor.

Alguns dicionários definem carбето como cabana, do francês *carbet*, que era usado também como aldeia. (Thébault de la Monderie — "Voyages faits dans l'intérieur de L'Oyapock " - 1856)

Portanto, o uso de carбето como tradução de “Fogo do Conselho”, como proposto por Velho Lobo também não era apropriada.

Muitas das tradições indígenas americanas, usadas na “Boy Scouts of America”, apareceram na Europa depois da primeira guerra mundial, levadas por delegações de escoteiros e chefes americanos que foram auxiliar o escotismo francês e belga, ou, indiretamente pelos livros de John Hargrave. Diferentemente do Brasil, as adaptações na Eu-

ropa eram mais artificiais devido à falta de tradições indígenas próprias. No Brasil, a situação era bem diferente. Não só havia uma grande população indígena, com suas ricas tradições, como também alguns poetas e escritores passaram a valorizar a cultura dos diversos povos que ainda habitavam o interior do país. Era a época em que Rondon estava trazendo para as cidades muitas notícias das tribos que contatava, mas também Bilac e outros influenciavam bastante o movimento escoteiro.

Depois de algum tempo, a utilização de carvão passou a designar as atividades recreativas, canções, jogos etc. feitas durante o dia enquanto “fogo do conselho” era usado para as atividades à noite, ao redor de uma fogueira.

Durante algum tempo, a designação “fogo do conselho” foi usada para designar a parte séria do programa, que era seguido pelo bivaque, onde estavam as canções, jogos e apresentações.

OS FOGOS DE CONSELHO DA FEDERAÇÃO DE ESCOTEIROS DO PARANÁ E SANTA CATARINA

Com a fundação da Federação de Escoteiros do Paraná e Santa Catarina, em 1938, dirigida por militares que haviam tido experiência escoteira, os fogos de conselho aconteciam em ocasiões especiais: Ajuris, concentrações de escoteiros, homenagens, e em alguns acampamentos e colônias de férias.

Um dos programas desses fogos de conselho foi apresentado no Boletim Histórico número 15, de abril de 2021, que tratava da “Colônia de Férias dos Escoteiros Paranaenses – Parte 2 – Dorizon 1941”.

AS TRADIÇÕES DE SETON E HARGRAVE ADOTADAS NOS FOGOS DE CONSELHO DO ESCOTISMO BRASILEIRO

Já na notícia publicada no Rio de Janeiro em 1921, e anteriormente mencionada, fica claro que desde o início os chamados

“fogos do conselho”, seguiam as recomendações de Hargrave.

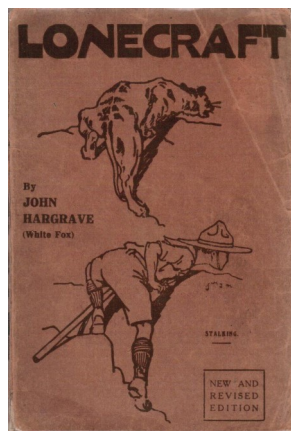
Velho Lobo, na Revista “O Tico Tico” de 4 de julho de 1923, transcreve grandes trechos de “Lonecraft”, dentre os quais:

...o Chefe, diante do “fogo do conselho”, fará a leitura dos regulamentos e leis escoteiras e cada escoteiro, em posição de Alerta! (sentido), com a mão estendida, os dedos em posição de reconhecimento, prestará o compromisso do escoteiro.

...Deante do fogo do conselho cada rapaz escolhe o nome de um animal ou índio que será o seu nome de guerra.

O capítulo “Feu de Conseil -7^{me} Palabre”, do livro “Lonecraft” é inteiramente dedicado aos totems (nomes de guerra), suas origens indígenas e os vários exemplos de nomes para escoteiros tais como “Pequeno Castor”, “Grande Lobo”, “Antílope Branco”, etc. Até os anos de

1960, muitos grupos escoteiros ainda adotavam a escolha de um nome de guerra para cada escoteiro e seu “batismo” no fogo de conselho. O autor deste boletim foi “batizado” num fogo de conselho no ano de 1960, com o nome “Águia Branca”. É claro que o mais famoso nome de guerra do escotismo brasileiro é o de Benjamim Sodré, o “Velho Lobo”.



INFLUÊNCIAS MAIS RECENTES

A partir do final dos anos 1960 e início da década seguinte, os fogos de conselho passaram a receber uma influência mais direta do escotismo americano.

Com a ida de vários chefes brasileiros aos Estados Unidos para cursos na “Boy Scouts of America”, o modelo de direção de fogos de conselho praticado nos Estados Unidos passou a ser ensinado no Brasil, em Cursos para Dirigentes de Fogo de Conselho. O autor deste boletim foi aluno de Claudio Tadeu de Souza, num dos primeiros cursos especializados realizados no país, em Joinville, na data de 5 e 6 de junho de 1971. Claudio Tadeu havia recentemente feito um curso para executivos nos EUA. Do curso de Joinville participaram, da Região do Paraná, 7 escotistas do Grupo Escoteiro Marechal Rondon que, posteriormente, introduziram as metodologias nos cursos que dirigiram na Região do Paraná (Roseana Aben-Athar Kipman, Igor Kipman e João Alberto Bordignon).

Cerimônias de abertura e encerramento, tipos criativos de acendimento da fogueira, aplausos, jogos, o “minuto do chefe”, etc., foram retiradas dos manuais americanos e introduzidas nos

cursos brasileiros. Nada disso vem de Baden-Powell.

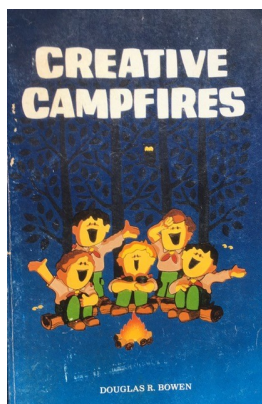
FOGO DE CONSELHO VS. FOGO DO CONSELHO

Como pode ser verificado ao longo deste Boletim, no início a expressão mais usada era “Fogo **do** Conselho”. Com o passar do tempo consolidou-se a forma “Fogo **de** Conselho”, no Brasil.

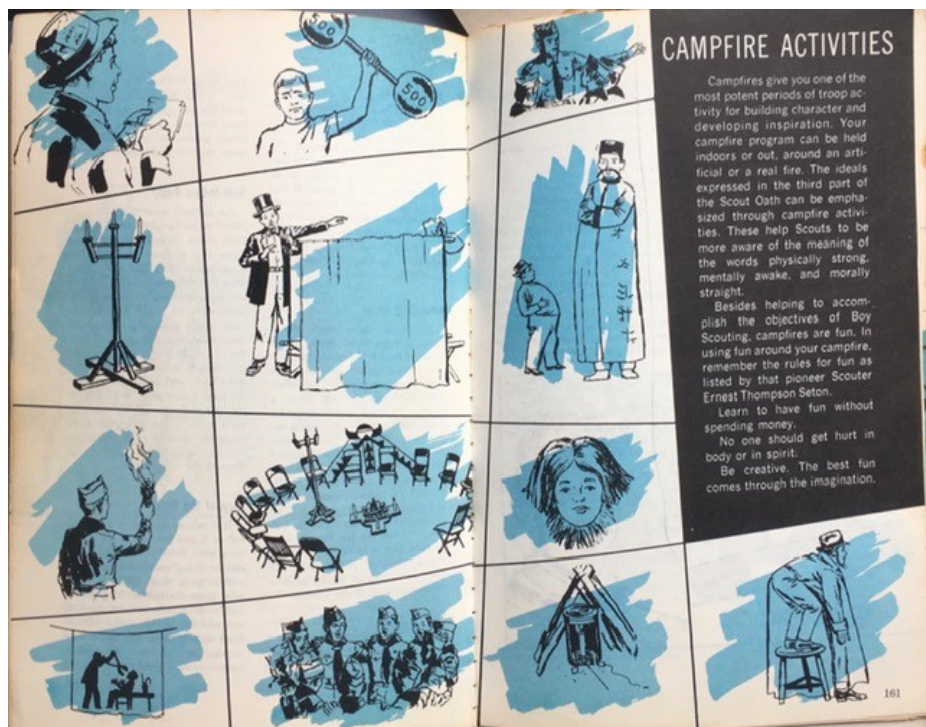
Certamente, a tradução “Fogo de Conselho” para “Council Fire” é mais apropriada do que “Fogo do Conselho”. A segunda opção, dando a entender que o Fogo pertence ao Conselho (da tribo), seria normalmente a tradução de “Council’s Fire” ou “Fire of the Council”. Como “Fogo de Conselho” designa um dos diversos tipos de fogueira, ele é adequado para designar o **modelo de fogueira**. Alternativamente teríamos, por exemplo, “fogueira de cozinhar”.

De qualquer maneira, as duas expressões, não estão adequadas ao usado por Baden-Powell:

: “Camp Fire” (Fogueira de Acampamento). Para Baden-Powell, a fogueira de acampamento poderia ser tanto para cozinhar, ou para secar roupas, como para atividades ao redor dela. Já na visão de Hargrave e de Seton, o “Fogo de Conselho” era uma cerimônia sagrada, e a fogueira não deveria ser usada, por exemplo, para cozinhar.



Livro usado por escoteiros americanos—1974



Páginas do livro Troop Activities—Boy Scouts of America — 1970



Participantes do Curso Para Dirigentes de Fogo de Conselho de Joinville, em 5 e 6 de junho de 1971.

Se você se interessa pela história do escotismo e tem algo a colaborar com o esforço de recuperação da memória do escotismo paranaense, ou conhece alguém que se interessa, escreva para o e-mail historia@escoteirospr.org.br.

Pesquisa e Produção: João Alberto Bordignon e Ernani Costa Straube
Revisão: Fernando Gerlach
Revisão da diagramação: Lucia Antkiewicz

Escoteiros do Brasil - Região do Paraná

Rua Ermelino de Leão, 492 - São Francisco
CEP 80410-230 - Curitiba - PR
(41) 3323-1031